

NARRAR, QUER DIZER REMEMORAR: O CONTISTA RUY PÓVOAS E O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL AFRODESCENDENTE EM “A FALA DO SANTO” E “ITAN DOS MAIS-VELHOS”

Reheniglei
Rehem¹

Tratar resumidamente da obra literária de Ruy Póvoas não é tarefa fácil, isso não pela quantidade dos seus textos, mas pela qualidade da sua produção. Assim prevenido, essa comunicação busca apresentar algumas considerações sobre o Ruy contista, a partir de uma perspectiva memorialística, tomando como base textual a análise dos seus livros de contos *A Fala do Santo* (2002) e *Itan dos mais-velhos* (2004).

[1] Professora Titular de Literatura Brasileira do Departamento de Letras e Artes – DLA, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. E-mail: <r_rehem@yahoo.com.br>.

Nessas duas obras, o leitor encontrará, além de algumas informações bio-bibliográficas do autor, inspirações para adentrar no universo e no imaginário da cultura e da religião de matriz africana, referências que compõem a formação civil, literária e religiosa do ilheense Ruy Póvoas e *Ruy Katulembá*, babalorixá do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, terreiro de origem nagô, por ele fundado em 1975, e situado em Itabuna, cidade onde reside.

No clássico *Morfologia do Conto* (1928), o russo Vladimir Propp² faz um minucioso estudo do gênero conto popular e folclórico, também chamado de “fantástico” e “maravilhoso”, por se tratar de um material mais primitivo, de forma mais simples do que o conto literário. O conto é visto por Propp como “formações orgânicas”, com variações estilísticas e temáticas, as quais foram posteriormente estudadas por outros críticos, a exemplo de Edgar Allan Poe, André Jolles e Julio Cortázar. Propp fixa quatro critérios básicos para estudo do conto oral: universalidade, generalidade, mobilidade e fluidez, chegando à análise de trinta e uma funções estruturais elementares do gênero. Efetiva-

mente, esse crítico russo concentrou sua atenção no gênero que faz parte do nosso primórdio cultural, social e linguístico defendendo que o conto nasce do povo, surgindo da sua forma oral, narrado em torno da fogueira, dos trabalhos e ritos coletivos de povos primitivos. Aspectos estes que podem ser verificados, entre outros exemplos, nos textos literários mais antigos, como o *Gênesis* na Bíblia judaico-cristã, no *Pantschatantra* da religião hindu e na fábula árabe *Mil e uma noites*.

Aqui, podemos dizer que o dezesseis é um número importante para o nagô porque corresponde aos 16 odus de Ifá (oráculo africano)

Outro crítico, o brasileiro Herman Lima, em sua obra *Variações sobre o conto*³ (1952), expressa opinião similar a de Propp, a de que o gênero conto é a forma espontânea da prosa popular e um documento vi-

vo que revela informação histórica, etnográfica, sociológica e ideológica de determinada cultura, sociedade e época.

Ainda nessa revisão de literatura, o conto também se destaca na literatura brasileira contemporânea, tendo presença marcante na literatura nacional os contos produzidos na Bahia, como os de Adonias Filho, Herberto Sales, João Ubaldo Ribeiro, Helena Parente Cunha, Sonia Coutinho, Aleilton Fonseca, Cyro de Mattos, Hélio Pólvora, Elvira Foeppe, Jorge Medauar, Vasconcelos Maia e do próprio Ruy Póvoas. Isto, para citarmos apenas alguns escritores, porque é grande o número de talentos de contistas baianos mais recentes.

Assim visto, e no que concerne à produção de Póvoas, retomemos os seus dois referidos livros, *A Fala do Santo* (2002) e *Itan dos mais-velhos* (2004), publicados pela Editus - Editora

[2] PROPP, Vladimir. **Morfologia do Conto**. Trad. Jaime Ferreira e Vitor Oliveira. Lisboa: Editorial Vega, 1978, p. 201-286.

[3] Herman Lima, em *Variações sobre o conto* (Rio de Janeiro, MEC, Serviço de Documentação, Imprensa Nacional, 1952, p. 91-116), comenta diversas definições do conto, determina tipos e trata da evolução deste gênero literário em geral, detendo-se na formação do conto brasileiro.



da UESC. O primeiro traz ilustrações do artista plástico itabunense Osmundinho Teixeira e o segundo (na sua segunda edição, de 2004, Editus), vem acompanhado de ilustrações feitas por alunos da Oficina Artes Visuais (2001), ministrada pela professora Valéria Amim e promovida pelo Núcleo da Ter-

ceira Idade da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, coordenado pela professora Raimunda d'Alencar.

Em *A Fala do Santo*, os itans, histórias do sistema oracular nágô, são recriados pelo talento do contista. Este livro é dividido em quatro partes: a primeira, "A fala do outro", consta de uma "carta-

-prefácio", datada de 2001 e enviada para Ruy Póvoas, de Madrid, por Consuelo Oliveira e Marialda Silveira; a segunda, "Antes de contar a fala do santo", traz a justificativa do autor sobre a sua pesquisa e escolha temática, dizendo: "*Não inventei nada. Apenas reproduzo o que ouvi pela vida afora*"; a terceira, "Os caminhos", diz respeito aos 26 contos que compõem a obra; na quarta e última parte, intitulada de "Depois de ter contado", Póvoas explica a base dos princípios que norteiam o livro, tecendo um breve relato sobre a fundação do Káwê, em 1996, caracterizando-o como Núcleo Temático multidisciplinar, voltado para a construção do conhecimento sobre o legado africano na Região Sul da Bahia, e apresenta uma seleção comentada de referências para estudos e pesquisas sobre o candomblé no Brasil e, principalmente, na Bahia, lançando mão, por fim, desta parlenda:

Ti-ti-ti, minha galinha branca,
 ti-ti-ti, minha galinha pedrês...
 meu avô manda dizer:
 "Agora, volte ao início
 e releia os vinte e seis."
 E não esqueça:
*tem mais um*⁴.

[4] PÓVOAS, Ruy. **A Fala do Santo**, Ilhéus: Editus, 2002, p. 164.



Percebe-se que nesses simples versos o narrador evoca o leitor-ouvinte para os caminhos da leitura interligados pe-

la “contação” de histórias orais transcritas para o formato conto. Ou como diz o próprio Póvoas, na frase em negrito que

encerra o seu conto, *A casa de Ariuô*: “Conversa que surte efeito é com boca e com ouvido!”⁵. Ou seja, o tempo mítico da memória não é apagado, mantém-se.

Entretanto, creio que essa perenidade pode ser sugerida, também, pelo plano da numeração que os seus textos sugerem: “*Conseguí me lembrar de dezesseis nomes. Mas espere aí... Gente, dezesseis é um número importante para o nagô. Ah, meu Deus! Os odus de Ifá... Mas você se lembra? Sempre tem mais um. [...]*”⁶. Aqui, podemos dizer que o dezesseis é um número importante para o nagô porque corresponde aos 16 odus do Ifá (oráculo africano). E, ainda, este número, no plano do sincretismo, e segundo Chevallier e Gheerbrant⁷ pode ser considerado como quadrado de quatro, ou o dobro de oito, sugerindo, por esse viés, a multiplicação do ser e dos ciclos de re-

[5] PÓVOAS, Ruy. **A Fala do Santo**, Ilhéus: Editus, 2002, p. 30.

[6] Idem, p. 166.

[7] Sobre estas e outras simbologias do número sete ver: CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. “Sete”.

Dicionário de símbolos.

Coordenação Carlos Sussekind, trad. Vera Lucia da Costa et al. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 826-831.

nascimento, constituído por uma infinidade de significações memorialísticas.

Mas o que é itan para o Ruy contista? Talvez a resposta para esta pergunta consista em dizer que itan é a palavra-chave do título do seu outro livro, *Itan dos mais-velhos* (2004), estruturalmente dividido em 4 odus (partes), contendo, cada uma, 4 itans (contos orais), formando 16 histórias que, novamente somadas, geram o número místico sete. Esse número simboliza a totalidade do universo em movimento, e está presente em outra tradição, a judaico-cristã, como exemplificado na Bíblia: a semana tem sete dias em memória à duração da criação (*Gênesis*, 2, 2 s.); em *Êxodo* (12, 15; 19), a festa pascoal dos pães dura sete dias; Cristo está acompanhado de seus sete discípulos e os setenários do Apocalipse anunciam a execução final da vontade divina ao mundo. Para o filósofo Santo Agostinho, o *sete* simboliza a conclusão do mundo e a plenitude dos tempos. Já para a cultura africana, este número é um símbolo de perfeição e de unidade. Por exemplo, os dogons do Mali (povo que vive

em Banani, remota região localizada no interior da África Ocidental), atribuem sete raios ao sol: seis correspondem às direções do espaço e o sétimo ao centro. Em uma sentença: o número sete, originado da soma do dezesseis (1 mais 6), mensura o tempo da história, o tempo do homem e da peregrinação da sua memória⁸.

Esta relação numerológica nos remete a possibilidade de que Ruy Póvoas tece uma ideia fundamental sobre os odus e os itans, reinventando histórias vividas por suas personagens, cujos desfechos levam o leitor a deduzir a parcela de sentido do mundo que a narrativa encerra. Para a pesquisadora Elbein dos Santos⁹ a palavra nagô *ítán* designa não só qualquer tipo de conto, mas, também, os *ítán àtowódówó*, histórias de tempos imemoriais, mitos, recitações, transmitidos oralmente de uma geração a outra, particularmente pelos *babaláwo*, sacerdotes do oráculo Ifá. Os *Ítán-Ifá* estão compreendidos nos duzentos e cinquenta e seis “volumes” ou signos chamados *Odú*, divididos em “capítulos” denominados *ese*. Ainda nessa linha de ra-

ciocínio mítico-memorialística, A pesquisadora Maria de Lourdes Netto Simões, situa a voz e a escrita de *Itan dos mais-velhos*, afirmando que a obra, “além de contar histórias em forma simples, passa ensinamentos dos mais-velhos da cultura nagô, muitas vezes presentes no cotidiano da cidade ou no mundo da academia das vivências do autor”¹⁰.

Portanto, a partir dessas duas abordagens críticas sobre a acepção do termo “itan”, podemos dizer que os recursos narrativos mnemônicos utilizados por Póvoas alcançam unidade de efeito narrativo, evidenciando com isso o seu processo consciente de composição, pois, tanto em *A Fala do Santos* e *Itan dos mais-velhos*, ele recupera e recria com seu talento de contista a memória ancestral dos seus antecedentes étnicos e a valoração do patrimônio folclórico afro-brasileiro, atribuindo, com isso, qualidade à linguagem da sua literatura, sem cultuar o preciosismo de falsas experimentações estilísticas.

[8] PÓVOAS, Ruy. *Itan dos mais-velhos*. 2ed. [rev., amp., il.]. Ilhéus: Editus, 2004, p. 11.

[9] Idem, p. 2.

[10] Idem, p. 14.

**Diante o exposto,
reconhecemos que o
grande desafio da prática
religiosa e literária de
Ruy Póvoas é o de saber
tecer em conjunto os
diversos códigos sociais
que a vida lhe oferece
numa visão pluralística
e multifacetada de
mundo, ao considerar
o conhecimento como
resultante de condições
socioculturais e
históricas.**

Para este escritor, a cultura e a sociedade estão em mútua relação geradora. Nesta relação, não se pode esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores de saberes, que regeneram a sociedade (o terreiro e a comunidade) na sua práxis social, pois para o escritor o mundo externo não *é*, mas está *sendo*. E a compreensão desse *estar sendo*, não pode ser lograda fora de um processo de produção de conhecimento que represente e acompanhe as múltiplas transformações mundivivenciais sobre as quais o seu fazer literário se relaciona com outros diferentes enfoques críticos¹¹. Afinal, como pressuposto na premissa introdutória dessa comunicação: aprende-se e ensina-se ouvindo, lembrando e refazendo, o que torna inseparáveis a vida, o saber e o trabalho.

[11] Além dessa presente palestra – proferida, a convite, em 2013, no Colóquio “Falando de Ruy Póvoas: Conversas em torno da vida e da obra” (Uesc/Káwè) -, coordenei e orientei outras pesquisas sobre o escritor com alunos de Literatura da Região do Cacau I e II, do Curso de Letras da UESC, as quais resultaram nas seguintes publicações: REHEM, Reheniglei (org.). “Literatura, conto e polifonia: homenagem a Ruy Póvoas”. In: *Literatura do Cacau*, Ilhéus: Editus, 2010, p. 201-270 (Série Caderno de Aula, n. 8) e BRIGLIA, Tcharly; REHEM, Reheniglei [et al.] (orgs.). *Mundo, mundo, se eu me chamasse Ruy Póvoas* – documentário (CD); edição de imagens Aquilino Paiva (Imago Vídeo). Ilhéus: Editus, 2010, cor, 28 min.